Práxis

Entrevista

ISSN 2525-4812 (versão on-line)
ISSN 2238-7641 (versão impressa)
http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/index

Recebido em: 7/8/2022
Aceito: 12/7/2022
Ano de publicação: 2023

Revista Terceira Margem Amazônia
(v. 8 • n. 20 • 2023)

Como citar:

SANTOS, M. P.; PINTO, R. Homenagem a Manoel Conceição Santos. [Entrevista cedida a] João Paulo Santana Maciel e Tânia Nazarena de Oliveira Miranda e Lindomar de Jesus de Sousa Silva. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 8, n. 20, p. 153-166, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.36882/ 2525-4812.2023v8i20p153-166.

HOMENAGEM A MANOEL CONCEIÇÃO SANTOS

Por: Revista Terceira Margem Amazônia: João Paulo Santana Maciel, Tânia Nazarena de Oliveira Miranda e Lindomar de Jesus de Sousa Silva

Entrevistados:

Manoel Pinto Santos (Manoelzinho), filho, militante social, professor, maranhense, mora em Imperatriz, MA

Raquel Pinto, filha, militante social, conselheira tutelar, escritora, maranhense, mora em Boqueirão do Piauí, PI

"ESSA TERRA É NOSSA: É PRA VIVER E TRABALHAR"

Figura 1. Manoel Conceição Santos, por ocasião do lançamento do livro "*Guerrilha no Araguaia – Tocantins*", de autoria de João Paulo Maciel".



Fonte: Acervo da família, 2014

ESSA TERRA É NOSSA

Essa terra é nossa é de quem trabalhar
Quero dignidade, quero viver sem penar
A vida dessa terra povo resistência esperança e fé

Semeia esperança grita liberdade
Sonho de um justo país como sempre se quis
Com os pés na terra e alma nas nuvens
Um passarinho em voo um canto de fé

Profeta da mudança na vida presente
Coragem de viver pra construir
O Tocantins te viu força militante
Tiraram tua perna mas não o ideal

Enfrentou o dragão da força tirana
Junto à companheirada na organização
Construiu caminho na trilha da vida

Carrega consigo a flor do Brasil
Estando consigo a flor e fuzil.

(Letra e música: Paulo Maciel, 2008)

Para Manoel Conceição Santos, ou simplesmente Mané, como gostava de ser chamado, essa é uma regra simples e deveria ser uma verdade determinante para se viver bem. Sua maneira vibrante e envolvente de observar o mundo a partir de sua vivência diária, sem se sobrepor a ninguém nem a outro ser, se colocava como parte dessa complexa teia que forma a natureza. Sua filosofia, interativa e revolucionária, defendia: "*A terra é um bem da natureza, assim como a água, o sol, o vento, e tantos outros elementos que não foram criados pela mão humana e, por isso mesmo, não podem ser propriedade particular de ninguém, já que todos somos parte da natureza e dependemos igualmente dela para sobreviver*".

Ele dizia sempre que a terra não é fruto do trabalho humano, muito menos obra do capital, mas esse bem indispensável a toda criatura viva do planeta se tornou propriedade privada, de acesso restrito a quem pode pagar por ela. Mesmo que isso pareça óbvio, faz bem lembrar, até porque, às vezes, de tanto se explorar, de transformar a terra em mercadoria, vai se firmando a ideia de normalidade nesse fato. Como privatizar um bem que faz parte da natureza? Seria possível se apropriar, lotear também a luz do sol, o ar, para vender de ração?

O pensamento de Mané e sua força, na perspectiva de organização da classe trabalhadora, ganharam notoriedade no seu meio; suas palavras, cheias de sabedoria e sensibilidade diante da realidade, sempre atraíram a atenção de muitos. Mané buscou sempre falar das coisas da vida, das dificuldades, dos valores humanos presentes no mundo, com sua linguagem sertaneja, cheia de histórias, causos, descambando sempre para um final com efeito educativo, alegre e de conquistas, fazia isso intencionalmente, com objetivo de manter a força esperançosa nos seus companheiros e companheiras, manter acesa a força interior de alegria, solidariedade de luta.

Mané, em suas falas, dizia: *O homem, a mulher é como uma árvore! Assim como a árvore precisa de terra para criar raízes, desenvolver, dar flores e frutos, se renovar constantemente, o homem e a mulher também precisam dessa mesma terra para sua sobrevivência física e espiritual. Precisa da terra para se afirmar, enquanto ser que trabalha, que constrói; precisa da terra para construir história, tradições, suas e dos seus, e, por fim, precisa da terra para enterrar seus entes queridos, fato que vem confirmar o aspecto sagrado da terra*.

Mesmo com uma história pessoal e familiar cravada por violências nas suas diversas faces, produzidas por entes particulares e também pela mão do Estado, deixando inclusive parte de seu corpo mutilado, Mané não carregou para seu discurso e prática de vida o ódio de aspecto vingativo; ao contrário, transformou sua própria vida em referência nacional e internacional de resistência e construção organizativa, na perspectiva da autoridade e afirmação da classe trabalhadora.

Essa maneira de estabelecer a relação de enfrentamento com as forças estruturantes da engrenagem do sistema possibilitou a construção de alguns instrumentos institucionais de organização da classe trabalhadora, como a articulação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a fundação de organizações como a Central Única dos Trabalhadores (CUT),

do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (Centru) e do Partido dos Trabalhadores (PT), além de redes de cooperativas de produção, luta permanente pela reforma agrária, resultando na conquista de várias áreas de assentamento no Maranhão.

A condição de barbárie em que Mané sofreu violências, portanto, que foram desde constantes ameaças, expulsão de suas lavouras, prisão, diversos tipos de tortura física, amputação de uma perna, até o exílio do seu próprio país, se transformou em força construtiva canalizada para a edificação do trabalho e organizações coletivas.

Mané seguiu assim o juramento feito no final dos anos de 1950, diante de Deus, da comunidade e dos corpos de vários lavradores assassinados, durante uma reunião para formação de uma associação, de que lutaria, enquanto vivesse, em defesa da classe trabalhadora e contra o acúmulo latifundiário.

De fato, aquela reunião, num final de tarde de 1956, foi mais um dos seguidos momentos de tensão que não poderiam ser esquecidos, jamais! Mané, que estava sentado, fez gesto de levantar e, ao levantar em seguida, sinalizando aos homens a fim de iniciar uma argumentação, *foi alvejado com um tiro na perna (tiro de fuzil)*, não se sabe se o tiro veio da polícia ou dos jagunços, mas como estavam juntos, essa questão não tinha tanta relevância. O caso é que Mané fora baleado e, nesse mesmo momento, conduzido, junto com os outros homens da comunidade que já estavam amordaçados, para o quartel da cidade, onde foram interrogados várias vezes, individualmente e em clima de ameaça.

Essa história, portanto, não chegou ao fim por causa desses acontecimentos, ao contrário, ela continua construindo a cada dia novos adeptos, que cumprem a função de multiplicadores, dando cada vez mais fundamentação, solidez, associando-se a outras iniciativas do gênero nas consciências de militantes sociais, estudantes, professores. Assim as ideias de Mané ganharam asas.

O legado de Manoel da Conceição é vivo, militante, está presente na diversidade das ações em defesa da vida, nas organizações sociais, nos assentamentos da reforma agrária, em poesias e canções, em pesquisas acadêmicas, na luta política por ampliação de direitos. Os filhos e filhas políticos de Mané assumem a continuidade e perenidade de seus sonhos e lutas concretas (Paulo Maciel, 2022).

A seguir, entrevista com o filho, Manoel Santos (Manoelzinho), e a filha, Raquel Santos, de Manoel Conceição Santos e Maria Rita Pinto.

RTMA: Lembranças de criança na família, convivência antes do acirramento dos conflitos.

Raquel: Em Canaã (um local na mata, terra indígena, criado por Manoel, às margens do Rio Caru, Maranhão) nos anos 1960 a 1961. Eu era muito criança, mas me lembro do meu pai com os companheiros. Ele já estava envolvido com o movimento revolucionário, papai já era líder da Igreja Assembleia de Deus, e todos que foram morar em Canaã eram "crentes". Mamãe contava que, quando Manoelzinho nasceu, e ela estava no período do resguardo, papai viajou para resolver coisas do Sindicato de Pindaré, MA. Ele voltou quando Manoelzinho já tinha uns 6 meses.

Ele ia e voltava. Sempre que estava presente, sempre quando voltava, ele dava toda a atenção, muito bom, conversava com a gente, era amoroso.

Manoelzinho: Eu tenho pequenos *flash*, lembro de algumas cenas. Nossas idas e vindas do Maranhão para o Piauí – a família da minha mãe é toda piauiense. A família era bem grande. E sempre que Mané necessitava viajar para passar uma longa temporada, viajava em função da própria luta, do trabalho de formação, cumprindo a missão do movimento do qual ele fazia parte, a gente ia para o Piauí (na época o município era Campo Maior, mais ou menos indo 1 hora e 30 minutos de Teresina, no sentido Ceará, no Boqueirão do Piauí). Lembro da gente viajando muito, eu, Raquel e mamãe, no rio que passava ao lado de Alto Alegre, MA, Pindaré. Lembro muito disso, a gente viajando nas pequenas lanchas, pareciam umas casinhas cobertas de palha, elas transportavam passageiros e cargas de Pindaré-Mirim para os povoados à beira dos rios, e as redinhas armadas dentro das lanchas fazendo essas viagens. A nossa base sempre foi Alto Alegre, mesmo que a gente morasse no entorno.

RTMA: (modo de vida, relações com vizinhança, escola...)

Raquel: Era um lugar muito longe, muito mato, o lugar onde fizeram a casa, quando chegamos, já estava limpo. Já tinha uma roça, um bananal, arrozal e um paiol. Éramos três: eu, Manoelzinho e mamãe. Havia também um rapazinho (15 anos), filho de um amigo do papai, ele deixou o filho morar com a gente. Ele que ajudava mamãe a pegar no pesado. Eram só nós, depois chegou mais um para morar com a gente, o Raimundo, ele era brancão, alto, acho que era do Sul. Morou com a gente por um tempo. Ele dava muita atenção pra gente.

Ele dava o nome de Manoel, mas ninguém associava que era o Manoel procurado. Por todos esses lugares ninguém sabia quem éramos. Alguns companheiros sabiam, e a vizinhança de convivência era para brincar. Foi muito bom. Seu Raimundo e os filhos dele. Lembro que lá meu pai me ensinou a escrever cartas. Como a gente não tinha como estudar, não tinha paradeiro, lá a gente foi para a escola e aprendi a ler; Manoelzinho ia comigo. Tinha uma moça chamada Alice (Felícia – o verdadeiro nome) que me ensinou a ler. A gente não era matriculado, não tínhamos registro. Eu fiquei até com medo de pôr o meu nome no caderno.

Manoelzinho: Lembro que era dentro da mata, em cima do Morro (Canaã). Lembro que chegava uma companheirada nessa casa. Lá havia uma veredinha mais lá dentro da mata e no final tinha uma casa de palha de babaçu com bancos roliços (toras de madeira roliças que a gente corta e faz bancos). E lá, nessa casa, os que vinham de outros estados ficavam horas, 2 ou 3 dias, às vezes até semanas, acho que planejando a revolução. Outra coisa muito forte na memória, na lembrança do tempo em que moramos na vila, é que a gente tinha armas. Mané tinha muitas armas em casa. Tinha rifle 44 (papa maré), rifle surdo (na época era bem moderno). E tinha revólver. Mané sempre andava armado, andava com revólver 38 no cinturão. Nessa época era "olho por olho, dente por dente".

Outra coisa, era essa companheirada, que frequentava a nossa casa no Maranhão, que a gente conhecia por determinado nome – tinha o nome que não era os nomes verdadeiros, era um disfarce. Mamãe gostava muito desse pessoal. Tinha a (Alice) Felícia, esposa do Rui Frazão, reconhecido

como revolucionário estudante de medicina – desaparecido na Ditadura Militar – até hoje ele não foi encontrado, a ditadura que deu fim nele. Mamãe fez uma grande amizade com eles. Alice era do Rio de Janeiro, depois a encontrei no Rio, era funcionária da Fase do Rio de Janeiro.

RTMA: As mudanças de lugar, a readaptação, sobrevivência material. A família (mãe e irmãos) sempre acompanhou o pai nas mudanças de lugar?

Raquel: A gente convivia com ele viajando. Ele assumiu o sindicato de Pindaré, MA, e assim nos levou para Alto Alegre, ficamos um tempo. Depois ele levou a gente para morar em Pindaré – moramos na sede do sindicato. Ele lutava no conflito e a gente com ele, a tiracolo. Muitos conflitos vivemos juntos com ele. Depois, em 1968, quando atiraram na perna dele, ele foi preso, estávamos junto com ele, viemos para o Piauí, foram buscar a gente, fomos para São Luís. Mentiram para nós dizendo que ele tinha sido mordido por uma cobra. Aí, tiraram ele do hospital e fugiram do hospital, e nós fugimos com ele. Passamos a viver na clandestinidade até outubro de 1971, quando nos separamos de vez.

Manoelzinho: A lembrança que eu tenho desse período é essa. Junto com Raquel passamos um tempo num povoado. Em Alto Alegre, MA. Eu lembro de um companheiro chamado Domingos (a gente chamava de Domingão), uma coisa incrível. Era essa solidariedade, ele doou o filho chamado Santos, um garoto de uns 15 anos. Ele ficou para nos ajudar, servir a gente por determinado tempo. Ele era um santo. Ele era a mão de obra, pegava no pesado para ajudar a mamãe. Centro dos Boias (não sei se o lugar era para os boias-frias), um povoado grande, de umas 100 famílias. Uma vila bem bacana. Não ficamos muito tempo na vila. Idas e vindas, mas quando ficamos na vila foi muito bom.

*Uma vez, no nosso retorno, eu lembro de ter encontrado o Mané em uma vereda, na estrada à noite. Ele tinha descido no Porto. A gente se encontrou na estrada. Ele veio montado a cavalo, a gente se encontrou num determinado ponto da estrada. Ele me pegou e me colocou na sela junto com ele no cavalo, e a mamãe também.

RTMA: A convivência com a pressão das ameaças, o medo...

Raquel: Depois que fugimos do hospital, nós passamos a viver na clandestinidade até outubro de 1971, quando nos separamos de vez. Íamos sempre com ele pra lá e pra cá, foram muitos lugares, andando pelas matas. Quando diziam que eles (a polícia) estavam perto de nós, aí ia todo mundo pra outro lugar. Ainda voltamos a morar em Alto Alegre, um lugarzinho chamado Centro dos Boias – último lugar – fizemos uma casa, uma roça. Foi muito bom, um tempo bom, pouco mais de 1 ano. O papai botava medo na gente, dizia que iam torturar a gente. Ele falava isso, não pra fazer terrorismo, mas para a gente não sair falando o que não devia, para preservar a família. Tinha medo que prendessem o papai, mas não tinha noção do perigo. Único medo era prenderem o papai. Conversava com o Manoelzinho de ficar sem o papai. Íamos pra escola sozinhos. Nossa preocupação era ficar sem o papai.

Manoelzinho: Uma vez umas amiguinhas, crianças da escola – a gente se gostava –, foram passar um dia com a gente. Uma delas viu uns livros e no meio estava uma das pernas mecânicas do Mané. E tinha lá em casa um falso fogão, era um esconderijo, uma espécie de gaveta – gavetão, coberto de barro. Tinha uma tampa. Havia uns objetos que eram sigilosos, uns livros, tinha um livro de capa vermelha, acho que era de Marx. A menina viu essa perna. Nós entramos em desespero, por ter deixado a porta aberta. Peguei uma arma e quis me matar. Mamãe ficou desesperada. Fiquei maluco, maluco. A gente não tinha consciência, mas aquela tensão estava ali, nós éramos crianças. Me senti culpado, a gente sabia que era sigiloso, não era para ninguém ver, era como entregar a identidade do Mané.

RTMA: Como foi esse envolvimento de líder da AD e líder da revolução camponesa de movimento revolucionário? Vários movimentos, segundo o que sabemos, vieram das comunidades de base, principalmente na Amazônia. Ele conseguia fazer esse debate dentro da igreja?

Raquel: Ele era crente, dirigente, quase pastor. Quando mamãe o conheceu, ele tinha cargo, e a minha mãe foi ser crente para se casar com ele, a mamãe não era crente. Ela virou crente por causa dele, ele não ia deixar a Igreja. A família dele era toda crente. Mas, quando ele conheceu o Movimento de Educação de Base (MEB), foi para outro rumo. Quando o pastor soube, o chamou para uma conversa, o pastor ficou bem aborrecido. Papai tentou explicar que Jesus foi também revolucionário, ele continuava seguindo Jesus, ele estava do lado dos pobres. Mas o pastor não aceitou, não. Falou que o diabo argumentou com Jesus dentro das escrituras, e então o papai foi *disciplinado* da igreja. Ele voltou um tempo, aconteceu um episódio, ele foi caçar e foi picado de cobra, ficou muito grave, quase cego, ele não queria morrer desviado da igreja. Então ele chamou o pastor dizendo que se arrependia de todos os seus planos e abriu mão dos projetos, pediu pra um homem orar e quis se reconciliar com a igreja. Ele não queria morrer desviado. Ele se chegou para a Igreja Assembleia de Deus. Depois resolveu levar o povo para Canaã. E aí umas dez famílias foram com ele. O povo foi com ele, e ele insistiu nas ideias revolucionárias, mas as ideias não entraram para esse povo. Ele foi de novo disciplinado, mas mamãe continuou ainda por muito tempo sendo crente. Mas depois ela saiu, a crença tinha entrado nela, mas ela não tinha entrado na crença.

RTMA: Por consequência das condições, em que momento houve o afastamento de fato do pai com a família?

Raquel: *N*u*nca fomos ameaçados, assim de alguém chegar e ameaçar. As ameaças eram como um todo. Como o papai dizia: "Se eles estão tentando pegar seu Mané, e não acham ele, acham os filhos, a mamãe, podem levar e forçar Mané a se entregar*". O papai viajava muito. Gostava muito da mamãe, era um amor grande. A gente só saiu quando não tinha mais como continuar, estava perigoso demais. Foi papai quem tomou a decisão de se separar, não foi a mamãe. Ele não queria que ela fosse morta e torturada inocentemente, sem participar diretamente da luta, do movimento; ela apoiava, entendia, mas nunca foi a companheira de luta. Papai tinha medo, disse pra mamãe vir embora. Segundo o que soubemos foi o pessoal da Ação Popular (AP) que influenciou nessa decisão, orientou ele a se separar da gente. Na verdade, eles viam a nossa família como um

estorvo para ele se locomover melhor. Ele falou que era para proteger a mamãe e nós. Fez um ato de altruísmo, bondade, generosidade, ato de renúncia. Renunciar a própria família para nos salvar, para que essa família não fosse morta, torturada, isso seria um grande ato de amor.

Manoelzinho: Lembro quando a gente se separou – realmente chegou ao extremo, não dava para viver sozinhos no local, Mané sentiu que o cerco estava se fechando, ele percebeu que não íamos voltar ao convívio familiar. Foi uma separação dura mesmo.

RTMA: Quanto tempo a família ficou separada do pai? A família também sofreu ameaças, assédio violento, com a presença e/ou na ausência do Mané?

Raquel: Depois da separação viemos para a casa do vovô. A mamãe teve que manter a gente, lutou muito para sustentar a gente, ela sofreu muito. Mas, assim como o papai, ela nunca passou esse ressentimento, mágoa, sentimento de ódio, de revolta, viveu em paz. A mamãe protegeu a gente, viveu única e exclusivamente para nos proteger, foi uma vida muito difícil, ela teve que fazer muita coisa.

Manoelzinho: Logo depois ele foi preso, ficamos uns 8 a 9 anos sem contato. Depois de uns 4 ou 5 anos tivemos notícia dele, mas contato nenhum.

RTMA: Durante a prisão sabiam alguma notícia?

Manoelzinho: Tinha um senhor em Campo Maior, PI, que tinha um filho em Fortaleza, o filho se envolveu com o movimento estudantil e se tornou preso político. A família desse estudante tinha condições, e o pai dele ia visitá-lo na prisão. Não sei como foi a conversa que Mané teve com a família, que morava no Piauí. Mas acabou descobrindo que um primo meu era um comerciante muito conhecido em Campo Maior. Aí o Mané começou a escrever cartas pra nós. Mamãe guardou essas cartas por muito tempo, mas depois se desfez, nas mudanças constantes se perderam. Última prisão antes de ir para o exílio. Foram umas seis cartas. Foi quando retomamos o contato. Ele mandou uns presentinhos, uma caneta de artesanato com o nosso nome, acho que ele fazia na prisão – muito bonitinho. Nessa época ele já tinha sofrido as maiores torturas. Foi nesse período também que surgiu a relação afetiva entre ele e Denise, que era da igreja, uma freira de trabalho religioso de visitas, de acompanhamento aos presos. Mané, muito charmoso, e Denise também muito bonita, inteligente, muito interessante. Ela é a segunda esposa de Mané. Denise foi se tornando cada vez mais essa companheira fiel e comprometida com a vida de Mané como um todo.

RTMA: Onde ficaram? Como foi a sobrevivência?

Manoelzinho: Quem nos recebeu foi a família da minha mãe, e quem nos criou foi meu avô, foi ele que nos acolheu. Ele era viúvo. Eu, mamãe e Raquel fomos morar, durante muito tempo, com ele, que já tinha mais de 65 anos. Fomos bastante prejudicados pelo estado ditatorial. Nossa família foi destroçada. Nós nos separamos do convívio do nosso pai. Nós fomos criados pelo nosso avô – papai Cícero – (Cícero Pinto, uma figura sábia) e pelos nossos tios. Criei um vínculo

muito forte com meu avô. Além da condição de sobrevivência extremamente precária – fome braba, muita pobreza, zero tratamento, zero assistência, não tínhamos o mínimo, zero tratamento com o corpo. Isso foi muito pesado, não ter onde dormir, era em pano de lona, e para fazer rede alguém dava os punhos, não ter praticamente nem lençol nem toalha. Ave Maria! Quando aparecia alguém tomando banho com sabonete era um rico pra nós. Isso marca a nossa vida. Isso não fazia parte do nosso mundo. Feijão, quando muito aparecia a farinha que é própria do Piauí; arroz era uma raridade. A minha mãe fazia roça, a gente trabalhava com ela na roça. Só nós, pra gente escapar mesmo. Estudo, a mamãe colocou a gente na escola. A Raquel concluiu a 4ª, e ligeirinho, bem novinha, ficou sem estudar uns 30 anos. No povoado só tinha até a 4ª série. Raquel tem uma inteligência que dava para ser cientista da NASA. Eu fui fazer a 5ª série quando estava em Recife (1981), já tinha uns 20 anos. Fomos muitos prejudicados, nos estudos e na convivência familiar de pai, na situação de pobreza.

RTMA: Quais os cuidados com segurança? Tiveram ajuda (pessoas, instituições)?

Manoelzinho: Nessa história, Mané tinha sempre uma preocupação com a gente, mesmo conhecendo Denise. Eu nasci com uma doença congênita que necessitava de cirurgia, e Mané ficou com isso na cabeça. Então ele mandou Denise em Boqueirão do Piauí – combinaram para ela ir para tratar desse problema meu. E assim tivemos uma surpresa, Denise estava lá. Já tinha combinado com o bispo de Fortaleza, já tinha combinado com o bispo de Teresina, Dom José Frei Falcão (arcebispo de Teresina) pra me receber na diocese e providenciar a cirurgia.

RTMA: Sobre o exílio o que souberam?

Manoelzinho: Depois que eu estava morando na sede de Teresina, o processo de julgamento aconteceu e ele recebeu o exílio na Suíça. Ele já vivia com Denise não oficializado, maritalmente. Quando saiu da prisão, casou-se com ela e quem fez o casamento dele foi um padre muito companheiro, amigo que morava em São Paulo, Pe. Domingos Barber. Nesse período todo, Denise já estava grávida e vai para a Suíça; quando viajaram ela estava recém-grávida. Nasceu Mariana, na Suíça, 7 ou 8 meses depois.

RTMA: Durante o exílio sabiam alguma notícia?

Manoelzinho: Praticamente Raquel não encontra mais Mané, eu encontrei primeiro, porque, depois do tratamento, passei uma temporada em Teresina, fui deslocado para segunda temporada da cirurgia, e fui para o Rio de Janeiro, coincidentemente fui parar na casa da Felícia (que era a Alice), funcionária da Fase do Rio de Janeiro. A Fase que providenciou tudo isso. É muito interessante a solidariedade e o apoio dessas instituições. Naquela época, a Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase) foi importantíssima, especialmente a Fase do Rio, de São Paulo. Eu sempre ficava hospedado na casa desses companheiros, esse pessoal que dava esse apoio aos que estavam na resistência à Ditadura Militar. Depois fiquei morando em Osasco, São Paulo.

RTMA: Percebemos a diferença entre Raquel e Manoelzinho – Raquel o trata de pai e Manoelzinho, de Mané. Qual o motivo?

Manoelzinho: Acho que na cabeça da Raquel ficou mais essa memória de pai. Quando encontrei Mané depois do exílio, eu tinha 16 para 17 anos. Eu tinha perdido o jeito de chamá-lo de pai, teve um espaço muito grande, um abismo físico. A gente não tinha mais muito jeito e acho que ele também não tinha mais esse jeito. A gente conversou e ele disse: tudo bem você pode não me chamar de pai, chame como quiser. Eu não conseguia chamar de pai, sabia que era meu pai, mas não conseguia chamar assim, papai. Foi um bloqueio que se gerou, acho que por causa da separação. Desde quando a gente se reencontrou, a relação pai e filho ficou bem diferente. Quando fiquei mais maduro, a gente se tratava como Seu Mané, ele me chamava de Seu Mané e eu também. Eu sentia que ele tinha uma grande admiração por mim e eu também por ele. Embora sabendo que ocupava esse diferencial de filho, a relação ficou bem prejudicada. Eu acabei me misturando como os outros companheiros, e a gente não conseguiu reatar essa dimensão de pai e filho. A relação foi mais formal comigo.

RTMA: Enquanto moravam com o avô, como sobreviveram?

Manoelzinho: Fazíamos o serviço de roça. Meu avô era agricultor e tinha um pedacinho de terra na beira de um pequeno brejo. A gente acompanhava, ajudava a plantar arroz, a plantar cana-de-açúcar, quebrar os pedacinhos para fazer rapadura, ajudava a colher as frutas, descascar mandioca, pegar frutas nativas, como buriti, e fazer doce, apanhar o arroz. Trabalhava com toda a família da minha mãe, trabalhei com meu tio. A gente trabalhava como criança, ainda. Quando criança, a gente fazia esses trabalhos laborais do camponês, do trabalhador rural. As crianças sempre iam com seu cofinho pequeno e sua faquinha cortar o arroz lá; a gente, em vez de socar o arroz, puxava o arroz para colocar no cofinho, puxava o arroz pra encher o cofinho ligeiro, pra ir inventar de beber água, mas era para tirar o descanso, pra ir pra sombra. Sabe o que é encoivarar? A gente fazia isso, depois que derruba o mato todo, derruba a broca, e depois a derrubada das árvores mais grossas. Não pode queimar para fazer a cerca. Lá a gente chamava encoivarar, depois pegar os talos todos que sobravam, os mais adultos iam cortando e a gente ia separando no final, e a gente sai muito bonito depois de um trabalho desse. Desses trabalhos, assim de campo, pegar feijão, encoivarar, ir pescar nos rios nas lagoas, com os meus tios, eu gostava muito, a gente acompanhava quando era criança, tudo isso eu fiz, trabalho de menino na roça. Nunca foi aquele trabalho penoso, nunca foi um trabalho extremo de exploração. Mas todo mundo era muito pobre, salvo pela graça de Deus.

RTMA: Quando Mané retornou do exílio, como e onde estavam? Quando e como foi o retorno do exílio?

Raquel: Só encontrei ele em 1981, quando ele veio morar em Recife, PE.

Manoelzinho: Voltaram do exílio em outubro de 1979 e fui receber ele no aeroporto, aterrissou no Rio e depois foi para São Paulo. Tinham muitos companheiros dos movimentos sociais, sin-

dicatos recebendo outros companheiros. O Mané foi mais um, entre muitos companheiros. Então encontrei o Mané, em São Paulo. Muitos companheiros vieram da anistia. Tive a sorte de, nesse retorno, ficar com Mané, Denise e Mariana, com 3 anos e meio de idade, após o exílio na Suíça. Raquel veio encontrar Mané em 1981, quando ele estava morando em Recife.

RTMA: Por onde Mané passou? Com quem esteve?

Manoelzinho: Depois do exílio é uma outra fase da relação com Mané, da nossa vida e a dele. Quando ele foi para a China, ganhou do governo chinês uma perna altamente tecnológica, com articulações no pé, nos joelhos, tinha uma mobilidade muito grande, toda de alumínio, era maneirinha. Ele estava inserido no movimento internacional.

RTMA: Mané chegando ao Brasil - Como deu continuidade à organização de massa?

Manoelzinho: No pós-exílio ele foi formar grupos em Imperatriz, MA, e fazer a formação política dos trabalhadores e trabalhadoras. Criar instrumento de luta, foi criado por ele e alguns companheiros em Pernambuco, o Centro de Educação e Cultura dos Trabalhadores Rurais (Centru), que seria para trabalhar a formação política e para a construção de um instrumento político partidário, isso foi pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Mané foi um dos fundadores do PT e foi o terceiro a assinar a lista de fundação do PT (em São Paulo). Um segundo instrumento que Mané ajudou a fundar foi o movimento sindical com orientação da CUT. E o outro era a luta pela terra. Que fosse fazer a luta pela reforma agrária, o fortalecimento de um sindicalismo combativo que de fato deixasse de ser um escritório, um apêndice do Ministério do Trabalho, da Previdência, mas que fizesse mesmo a luta pela reforma agrária.

Havia momentos de tensão, Mané se colocava como escudo. Às vezes tinha que sair meia-noite de casa. E Mané ia lá, se colocava como escudo, para ajudar os companheiros que estavam "entrincheirados", acuados por conta do cerco da pistolagem. Teve um momento de grande tensão e fizemos uma grande manifestação em Buriticupu, MA, e a grande figura que liderava a manifestação era o Luiz Vila Nova. Eu lembro que, quando Luiz Vila Nova foi falar, Mané se colocou na frente dele, como uma espécie de escudo. É um grau de comprometimento, de solidariedade, de colocar a coisa mais preciosa, que é a vida, com o próprio corpo, na proteção da vida da companheirada, ao extremo. Isso é muito forte pra nós! Esse exemplo de entrega à luta social, à luta pela justiça, acreditar que aquilo era a finalidade maior de sua vida. Mané foi isso.

RTMA: Como foi a retomada das relações com o pai? A família participou desse processo?

Raquel: A família é o povo.

Manoelzinho: Essa própria coisa de família existe, mas família de Mané é família estendida. A família é o povo, é a família do movimento, que ele fazia parte, ele integrava que ajudava a fortalecer. E quase todo mundo que se aproximava de Mané tinha essa percepção. Que não era algo simplesmente da coisa da fala, da verbalização era do gesto, da atitude do envolvimento

profundo. Ele convencia a gente, convencia as pessoas. Não que ele quisesse com isso, ser herói, mas era a vida dele.

RTMA: Como foi fazer parte da vida de um dos maiores lutadores do povo brasileiro? O que significou em termos de renúncia e de aprendizagem?

Raquel: Sinto-me muito honrada de ser assim, de ter vivido tudo isso. No início, em que ele prometeu vingança, ele mesmo passou a entender diferente quando conheceu o MEB, ele passou a entender como fazer justiça. E para nós é como se tivesse passado para o nosso DNA. Esse modo de agir, de sentimento, é complicado, tanto pra mim como para Manoelzinho, nossa postura em relação a essa exploração com os trabalhadores e tudo que acontece de injusto, eu e até mesmo os meus filhos temos intolerância aos que são contra os direitos humanos, foi herança de meu pai.

Manoelzinho: O Mané passa pra gente muito esse sentido de companheirismo, de solidariedade extrema, real. Quando retorna, volta para fazer a luta pela terra. Luta pela reforma agrária. Ele não preservou a sua vida. Ele se lançou ao risco. Isso foi retomado aqui no Maranhão, num período em que a pistolagem era pública, numa das regiões mais violentas, Buriticupu e Santa Luzia, a pistolagem era conhecida de todo mundo e assustava todo mundo. E Mané foi para o "olho do furacão" formar grupos para ocupar a terra e para resistir à violência bancada pelos latifundiários.

RTMA: Qual foi a maior contribuição para sua vida deixada pelo exemplo de seu pai?

Raquel: A prática de vida, a postura. Ele foi torturado.

Manoelzinho: Era para a gente ter certa mágoa, raiva do Mané. Mas, por conseguir entender a luta e a grandeza a que ele se dedicou, a gente não teve nenhum tipo de mágoa nesse sentido, culpar o Mané pelo nosso abandono, pelo nosso sofrimento. Não tivemos, não. Até isso a gente conseguiu se justificar para nós mesmos. Ele tinha uma prática de vida, que naturalmente a gente compreendia e admirava, mesmo extremamente sacrificados. Mas não foi culpa dele, foi culpa do sistema que estava perseguindo qualquer um que se colocasse como obstáculo à ordem imposta. Ele foi muito mais punido do que nós. Nós não sofremos nada. Ele foi cerceado, foi mutilado, torturado ao extremo. Ele foi tirado para fora de seu país, uma realidade que ele não compreendia, não tinha a ver com a vida dele, vivência, cultura.

RTMA: Qual a avaliação que ele tinha desses novos movimentos?

Manoelzinho: A minha leitura tem um eixo condutor sobre novos e velhos movimentos, é o sentido de classe, o sentido da luta de classes, isso era muito forte no Mané. Nessa retomada de luta, que podemos considerar nova, já não é mais, rolou quase meio século, pode se dizer que foi a criação do MST, em 1984 pelo Sul. Em 1987, Mané estava na sede do Centru aqui, na rua Maranhão, no centro de Imperatriz, o 1º escritório do MST foi aberto aqui em Imperatriz, num quartinho do Centru, e os companheiros que começaram a fazer a discussão sobre o MST eram vinculados ao Mané.

O vínculo de Mané com os novos movimentos é dando sequência a uma ampliação de novos instrumentos para a luta de classes. Mané tinha muita clareza dos vários instrumentos necessários para a luta de classe. Ele entendia que para atuar no campo institucional há disputa do poder do estado.

RTMA: Quais os movimentos com os quais Mané passou a se relacionar no decorrer dos anos?

Manoelzinho: Para Mané tinha que ter um partido da luta, como o PT, partido da classe trabalhadora. Ele via o PT como um partido efetivo da classe trabalhadora, não só como uma sigla, como acabou se tornando, assim como o próprio PCdoB, que também se tornou uma sigla. Eu percebo que é só uma sigla. Porque o que tem de coincidência com as velhas práticas da classe política, seja no PT ou no PCdoB, acabou se tornando um partido comunista, não é como Mané entendia. Mané tinha a visão de um partido de classe, ia fazer a luta permanente para o empoderamento da classe. Não era essa coisa do poder pelo poder como se tornou essa miséria deformada praticamente em quase todos os partidos.

Mané se vinculou a essa organização do MST, mas o vínculo maior de Mané em sua trajetória era o movimento sindical. Até que chegou um certo momento que isso é até incompreendido aqui, acaba gerando um conflito, entre a linha de ação do MST e o trabalho que Mané fazia via Centru e via movimento sindical, essas contradições no interior da classe trabalhadora que existe. Até houve um período de afastamento. Mané foi sempre respeitado, o MST fez homenagem, a companheirada fez homenagem para ele. Essa visão miúda de disputa de quem tem o controle, quem manda mais...

Depois Mané tem vínculo de maneira muito forte com a luta do *Chico Mendes*. Quando assassinaram esse ambientalista, Mané participou das primeiras reuniões do CNS e se tornou integrante do Conselho Nacional dos Seringueiros. Mané acabou assumindo a luta ambiental. Fez parte da coordenação do CNS. Depois se integrou à rede do Nacional do Cerrado Minas Gerais e tudo que compôs o Cerrado.

Mané se faz presente nas coisas mais fortes que aconteceram no País.

A Marcha das Margaridas. Margarida Alves foi fundadora do Centru junto com Mané. Ela fez parte da coordenação Nacional do Centru, junto com ele. Ela estava fazendo campanha pela assinatura das carteiras das trabalhadoras da Zona da Cana na Paraíba, fazendo conscientização orientada pelo Centru. Quando mataram Margarida na sua casa, com um tiro de 12, Mané foi pra lá de imediato. Participou da primeira grande manifestação coordenada pelo Centru. Aquela foto que ficou conhecida por aí é uma foto do arquivo do Centru. O cartaz foi feito por um rapaz que era funcionário de lá. Nele uma botona aparece esmagando uma margarida, e dessa flor jorrava sangue e embaixo várias margaridas: "Do sangue da Margarida – margaridas". Considero uma frase profética de fato. Depois surge a Marcha das Margaridas, que é essa bandeira que unifica sobretudo as trabalhadoras rurais vinculadas ao movimento sindical do Brasil inteiro.

Esse vínculo de Mané na luta representa a compreensão da horizontalidade dele à luta. Para fortalecer a luta de classes.

RTMA: Após a convivência com tantos movimentos, como ele se autodeclarava?

Raquel: Negro, trabalhador rural, camponês.

Manoelzinho: Sua identidade era: trabalhador rural, camponês

RTMA: Quais eram as considerações de Mané aos governos Lula-Dilma, principalmente com relação à reforma agrária? Alguma vez ele chegou a comentar? Fazer uma avaliação?

Raquel: Ele teve um apagão a tudo que ele assistia sobre o governo Dilma, inclusive os últimos acontecimentos, não reagia a nada.

Manoelzinho: Sobre o governo Lula e Dilma há um diálogo de Mané e Dilma – Três anos antes do seu falecimento houve um apagão na memória de Mané. Mesmo tendo assistido ao Impeachment da Dilma, ele não se manifestava.

RTMA: Como a família pretende continuar a luta do Mané? Qual projeto sonhado por ele, que a família pretende colocar em prática?

Raquel: Não desistir da luta. Concretizar o Instituto.

Manoelzinho: Principalmente a formação dos camponeses e camponesas, priorizando a juventude na formação política.

Fundar o Instituto Manoel da Conceição, instrumento de formação de lideranças.

Dar continuidade ao trabalho no Centru, política e tecnicamente.

A formação para a luta de classe. Sem formação não há sustentabilidade na luta.

Em conjunto com a companheirada, mas tem que ser alicerçada na formação política.

Aproveitar as estruturas já organizadas no Centru.

Apostar na juventude.

No dia 18 de agosto de 2021, o coração generoso e revolucionário de Manoel da Conceição Santos parou. Sua luta, seu legado, sua trajetória de vida, de opção radical pelos mais excluídos, que enfrentou os interesses econômicos dos poderosos. Ele será lembrado como um dos maiores articuladores da luta camponesa em resistência ao regime militar no Brasil. Muitas homenagens da família, de lutadores e lutadoras do povo lhe fazem reverências com músicas e poesias. Somos teus filhos e filhas e continuamos a tua história.

Literatura Recomendada

ALMEIDA, R. H. **Araguaia-Tocantins**: fios de uma história camponesa. [S. l.], 2006.

ALVES, S. A. **CSBH disponibiliza entrevista de História Oral de Manoel da Conceição**, realizada em 24 de julho de 2006. Disponível em: https://fpabramo.org.br/2020/07/31/csbh-disponibiliza-entrevista-de-historia-oral-de-manoel-da-conceicao/. Acesso em: 17 mar. 2023.

CONCEIÇÃO, M. S. da. **Democracia Viva**, n. 42, maio 2009. Entrevistadores: Ana Bittencourt Diego Santos Flávia Mattar Jamile Chequer Realização: Decupagem e fotos Diego Santos Edição: Jamile Chequer Produção: Geni Macedo.

MACIEL, J. P. **Guerrilha no Araguaia –Tocantins**. Imperatriz, MA: Editora Ética, 2014.

SANTOS, R. L. dos M. Conceição Santos: de camponês a líder político. **Revista História em Reflexão**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2010.

SÁ, E. **UFMA concede título de Doutor Honoris Causa a Manoel da Conceição**. [S.l.]: Articulação Nacional de Agroecologia, 2020.